

A PARVONIA

João de Meira — Dyabo, Luzbel, Satan
Antônio Garcia da Souza Venâncio — O diabulho.

Metralhar a Parvonia à cascás de pepino,
Esfaquear Prudilónie, e apinhalar Calino...

G. Junquiera

ARTE

FOLHA AVULSA

CRÍTICA

ALERTA!

Meus senhores que a vossa bondade nos desculpe o ousarmos vir á rua assim, arregaçados, em mangas de camisa; mas outro vestuário não convém a quem sahe para esvirmar abcessos.

A lanceta está aqui; é esta caneta de dez reis, que faze, vez, perfurar couros, intento louvável de tazér um puz.

Trazemos lanterna e tesoura, um horizonte, como se fosse Esopo ou Diógenes, e trazemos a verdade, não o tapa, e mesmo voltando conosco a luz.

Ainda não somos homens, não chegamos a maioria, não temos o substancial direito de votar, o mesmo que trocar a consciencia, uma coisa intangivel, pelo carneiro, que nutre e engorda.

— Quem sois vós?

Eu, que vos escrevo, sou o Dyabo, o anjo rebellado, que ousou erguer a face ante Je-hovah, que não reconhece soberanias, que tombou vencido, mas nobre. Os outros elas dirão quem são.

Emfim nós somos os rebeldes a quem este calor de agosto, que distilla em suor as carnes molles da burguesia e lhes põe nos membros uma lassidão morbida, nem intimida nem entraña, que nos propomos em dous meses de troça mansa, estourar a pontapés tudo o que for depositario de porcaria e de ignominia.

Meus senhores, creado de vócellentids.

O DYABO

CARTA

A UM REVERENDO

Reverendissimo Senhor

Como quer que hontem de tarde a contas com a minha laboriosa digestão, me fizesse deitado, quasi dormindo, confiei a ouvir ao longo qualquer coisa vagar que deixava sem zieca d'ambô ou roubo da costa, se não for a antes o trovô que lhadainhas convicias que explodiam de peitos crentes, supplicando encalmoas ao altissimo aguia para regar os campos, e ás vendeireiras limonada para regar estomagos resquidos.

A principio eu não sabia o que era. A coisa vinha n'um crescendo de tormenta que se aproximasse.

Se não for o raspar de tamancos na calçada teria imaginado que um visinho meu regente de capella, se comprazia em deliciar-me os ouvidos e os de toda a vizinhança, como já fizera de manhã, com a toada monotona de um cantochão a trez vozes e harmonium.

A coisa era outra.

Uma freguezia rural mandara de manhã para preparar os animos, convidar as cabeças Vimaranenses a cobrirem-se de cinza, por sobre a caspa, e fazer penitencia das suas iniquidades trez homens vestidos de preto com as faces velladas e um vestuario tetrico, se não for ridículo. Um d'elles, hasteava a cruz, o outro tangia com furias de energumeno, uma sineta partida.

A mesma freguezia resolvera para a tarde una passeata piedosa onde se fizesse grande consummo de lhadainhas e limonadas.

Uma freguezia inteira desfilava na minha rua os homens á frente, depois os santos, atraç as mulheres. Esta ordem prudente de homens

á frente é mulheres, atraç julgo e leia vossa, senhor Abbade e o seu filhó louvável e util safa aos olhos de todos os mortaes.

Vossa Reverencia ponderou e muito justamente, que o religioso zelo que impelia as óvelhas do que é digno pastor a recitar lhadainhas, que as impelia a refrescar as fauces ressequidas com limonadas, que as impelia a carregarem com duas imagens por um tempo de tanto calor, fizesse com que desejabilo emprir á risca os preceitos de Deus, considerando se ja suficientemente crescidão tratassem de multiplicar-se (como ordena o Evangelho) pelas rulas da cidade, mas nossas barbas com um deserto cravo que tanto ofenderia o maior e o menor de natus.

O vosso reverendissimo Sur, foi pois justissimo.

Imaginem-se as consequencias que poderiam resultar, agora que o pão escacia, se os supplicantes d'agua, esquecendo que vinham tratar da propria conservação, mediante nacos de broa, tratassem da conservação da especie, sem pedir licença a Deus e aos zeladores do Municipio.

Augmentar o numero de boccas quando o pão vai faltar era uma tolice.

Fez pois Vossa Reverencia um acto digno de todo o louvor affastando os homens das mulheres.

Vossa Reverencia vai na orientação de um seu collega, digno rival de S. João Crysostomo, que do alto do pulpito exclamava mordido da mesma louvável edeia:

— Saíais acima, calæas abaixo.

Fez Vossa Reverencia muito bem.

Pena é que, não tenha aqui á mão um thuríbulo para o encensar. Ad petendam pluviam sahia aquillo segundo noticiara o Commercio de Guimarães uns dias antes,

A intenção era louvável.

O peor é que as vendeireiras de limonada misturavam-se com a procissão e os seus pregões abafavam, por vezes, a lhadainha.

E aquelle que devorado pelo zelo da casa de seu pae (1) azorragara os vendilhões, ia agora no meio de uma multidão que apregoava

limonada fresca com aguardente e de outra multidão que alternava os versículos da ladinha com a sobredita bebida.

Isto é que de modo algum é de coroso.

Não estou chasqueando;

Respeito a fé dos consumidores de ladinhas e limonadas.

Se a minha opinião tivesse algum valör peránté Sua Santidade supplicar-lhe-ia a que do alto da sua infallibilidade decretasse mais uma bemaventurança para ser adicionada em Post Scriptum ao Evangelho de S.Mattheus. Seria o seguinte:

Bemaventurados os que teem fé porque não veem as misérias do mundo e morrem esperançados numa vida melhor.

Agora permitta-me vossa Reverencia um conselho.

Não terci autoridade para o dar porem lá diz o Hitopadexa.

Os sabios devem receber um dito apropriado mesmo de uma creança.

Porventura quando o sol faltá não alumia o candieiro? (2)

Ouça-me então Vossa Reverencia.

Era conveniente expulsar de presídio os vendilhões e para edificação das gentes e conservação dos bons costumes e do respeito devido ao Salvador do mundo N.S. Jesus Christo mandar lavar a imagem antes de a pôr na rua.

Será talvez profanação mas é limpo. Beja mãos de Vossa Reverencia,

o Dyabo'

(1) Joan. II, 17 e Psalm. LXVIII, 10

(2) Hitopadexa Subridibheda —78
(Versão de Monsenhor Dalgado)

CUBA

Há trez annos o nuncio do paço acreditado na corte de Madrid, numa allocução dirigida aos soldados que formavam uma expedição que ia combater a insurreição cubana, disse o seguinte:

«Em nome de Sua Santidade, felicito-vos e saúdo-vos, soldados valerosos, que deixae os vossos lares, abandonae as vossas famílias e marchae cheios de ardor a pelejar contra os que levantaram o estandarte da ingratidão e da traição, parricidas que esqueceram os deveres contraiidos com a Hespanha e querem arrebatar-lhes a perola das Antilhas...»

«Deus abençoá-vos, Deus está com vosco e vos amparará na vicissitudes da guerra.

Ide continuar a gloriosa historia dos antepassados; ide juntar novos louros à vossa propria historia. Deus vos levará ao heroísmo, Deus vos

conduzirá ao triumpho definitivo.»

Effectivamente achamos ignobil o procedimento dos cubanos em procurarem libertar-se dos laços de seda com que os prendia a Mãe-patria.

Submettidos e escravos dos netos de Cortez sofreriam neste mundo o castigo dos seus peccados e iriam imediatamente após a sua morte, felismente abreviada pelos tormentos e pela fome, gozar as delícias do Reino da Glória. Ingratos!

Os cubanos nunca deveriam esquecer o catholico carinho com que foram tratados os povos americanos desde a conquista hespanholá. Não se lembrariam já do afan com que os descendentes do Cid estenderam por lá o domínio da cruz?

A historia diz, por exemplo, que, para passar a mãos orthodoxas o thesouro immenso que o barbário imperador do Mexico, Guatimozin indevidamente possuia, foi este delicadamente collocado sobre o fogo para que de lá, que era um verdadeiro leito de rosas em comparação com o brazido do inferno, pudesse mais agradavelmente entregar as occultas, riquezas aos cavalleiros christãos. Não é assim que se glorifica e engrandece o nome do Senhor?

E tambem sobremodo leal a maneira de proceder dos actuais Cortezes. Sabido é que os hespanhoes, para obterem a paz depois da primeira guerra civil cubana, que durou dez annos, assignaram com os rebeldes um tratado em que se obrigaram a dar a autonomia á perola das Antilhas. E depois o que fizeram?

Faltaram nobremente ao que haviam promettido, somente com o fim de facilitar aos cubanos uma vida de humildade e de desprezo pelos bens do Mundo—esse encarniçado inimigo da alma.

Elles, porem (exemplo unico na historia!) em vez de dizerem como um nosso cscriptor mystico «Acima coração: lá no Ceu tens os bens verdadeiros para que foste criado»—levantaram infamemente o estandarte da ingratidão e da traição e voltaram infamemente o estandarte da ingratião e da traição e voltaram-se como uns parricidas contra um estado de coisas que os levava direitos ao Paraíso, se elles quisessem sofrer resignadamente os infortunios temporaes que a Mãe-patria solicitamente lhes proporcionava. Ingratos!

Depois, quando a catholica Hespanha tratava de exterminar portadores os meios aquelles que em Cuba estorvavam a sua accão civilisadora, eis que surgiem as barbaras tribus Yankees, incomodando-a na sua sacratissima missão!

Mas não se assustem, que as predeções do santo velhinho do Vati-

cano, transmitidas pelo seu nuncio às tropas expedicionarias, hão de realizar-se. Poderá elle enganar-se

Muita esperança, porque o exercito hespanhol, por mais derrotado que seja, ha-de ser por ultimo conduzido por Deus ao triunfo definitivo...

Carlos Marques

A POESIA NA PARVONIA

Abri cárlos leitores as paginas d'um jornal da Parvonia, nas quaes se divisem alguns escriptos com a forma de poeticos e vêde que sentimentalismo; uns desejando cobrir as faces purpurinás da sua amada com um illimitado numero de ardentes leijos; outros pedindo desculpa da ousadia, que os levou a offerecer a primeira carta ao seu ideal (está claro); outros desejando guardar no cofre do coração uma rosa com as petalas humedecidas pelas lagrimas crystallinas do ente idolatrado e outros emfim dizendo que no lugar do coração existia uma rocha de granito que jamais se moveu por pessoa alguma á não ser pela sua ella e tudo isto expresso em escriptos cujos versos, eu creio, são medidos a metro e que mais tarde pela evolução da poesia da Parvonia serão medidos a kilo ou a arroba como o bacalhau e o assucar e ainda com uma cadencia tal e um tal rythmo, que me levaram a suppôr que os autores de tales calamidades estudaram pela composição litteraria do Maduro de Athaez, 2.^a edição, *correcta* e augmentada. Olhem pois seus marmelos que para ahi figuram com os nomes de Fe-tick, To-niño e Bi-niño (que grandes ratões! Não podiam escolher melhores nomes para a representação da Arcadia Parvoniense) reparem no que lhes digo: se vocês forem sapateiro tratem de remendar botas, se fôrem musicos agarrem-se ao instrumento e se fôrem ferreiros tratem de bombas que é officio leve.

Olhem que se tornam a apparecer em scena...

E se dão na Mitza mais alguns pinotes. Encaixão-los na casa dos orates.

É se lá ainda atormentarem, os que lá estão enlouquecidos vejo-me obrigado a leval-os para as profundas do inferno porque não pode haver melhor meio para flagellar as almas que o Padre-Eterno para lá me confiou, do que vocês lhes recitaram as poesias.

o diabinho

PARVONIA

Berço d'el-rei Affonso, um rei salteador
Que tinha bico d'aguia e garras de condor
Que pela escuridão da noite, ouzado vem
D'assalto conquistar, aos muros, Santarem.
Entre elle e o salteador nocturno d'uma estrada
A diferença é pequena é mesmo quasi nada.
Um roubá a exclamar de Deus bem alto o nome,
Outro só porque o impelle e atormenta a fome:
Berço d'el-rei Affonso, um rei salteador,
Que vós ó meus pátrios dignos de louvar,
Gollocastes num campo em tragica postura,
De molde a deixar ver rija musculatura.
Berço d'el-rei Affonso, o teu velho colchão,
Colchão que tem servido a muita geração,
Exhala um cheiro mau cheiro amoniaco;
Está podre e safado, não vale já real.
Podesse a minha voz erguer-se p'ra cantar;
Num canto patriota a terra do meu lar,
Podesse-lhe eu chamar a terra sem rival,
Não tivesse ella em si o largo do Toural
É dentro do Toural um lago nada nrau
Onde os vizinhos vão molhar o bacalhau.
Podesse a minha voz erguer-se p'ra cantar-le
Que eu partia d'aqui, iria a toda a parte
Com a lyra na mão, como velho rapsodo
Que sahia da Grecia e pelo mundo todo
Cantando celebrava a patria lá distante
Num hymno dolorido, um hymno emocionante.
Mas se olho p'ra ti berço d'um salteador,
Se olho para ti só vejo immerso em dor
Ruinas do passado e nada do presente,
Como velha ciadade susta de repente
Que ficasse a dormir um sonno secular.
Guimarães, Guimarães, eu quero-te acordar:
Tu não despertas não, tocando-te de manso
De chamar-te baixinho, ó terra já me canço.
E' preciso acordar emfim d'esse lethargo
E o remedio é este, é um remedio amargo,
Que custa infligir e custa a suportar.
Ferro em brasa, ventosas e hastas despertar!
Então ó Guimarães então te cantarei
Berço da tyrannia berço d'Affonso... um rei.

Lusbé

LE COUVERCLE

DE CHARLES BAUDELAIRE

Por sobre a terra ou mar onde caminhe avante
Sob um pallido sol ou sob um clima ardente,
De Venus cortezão ou de Jesus um crenté,
Mendigo tenebroso ou Cresc'rufilante.

Cidadão, camponez, sedentário, errante.
Seu cerebro trabalhe activa ou lentamente
O homem sofre sempre um terror persistente
E só olha p'ra cima a medo e vacilante.

Em cima o céu louza de campa, louza preta
Tecto illuminado à espera da opereta
Em que histriones feridos dançam sem vontade.

Terror do libertino. Esperança do ermita
O céu a tampa enorme e negra da marmita
Onde serve e reserve a vasta humanidade.

ARREDA PORCALHÃO!

O «Vimaranense», repositorio dos rebutálhos da poesia cá da terra, trazia no seu numero de quarta 27, uma noticia sob o titulo de *Beijo desagradavel*.

Nessa estercorosa noticia conta-se um facto estercoroso.

Foi o caso que na Cruz de Pedra habita um velho na companhia de um cão.

O velho tem pelo cão uma amizade de pae e o cão corresponde-lhe a seu modo lambendo-lhe as mãos e não sabemos se tambem a cara.

Este amor excessivo ao bicho, num velho que parece querer tornar-se ernita quanto se pode ser na Cruz de Pedra, já me parece symptomá de um estádó de desequilibrio, talvez deméncia senil.

Orá contá-nos, e parece folgar, com a noticia o poético «Vimaranense», que o outro dia passava alli um transeunte descuidado:

Naquelle engano d'alma, led'e cego
Que a fortuna não deixa durar muito,
quando o sublime cãozinho, que de noite lâdra álua, lhe veio ladrar às canelas.

Com o direito de legitima defesa, com o direito de todo o homem que sente que vai ser desrespeitada a integridade das suas barrigas das pernas, o caminhante disparou dois pontapés na barriga do animal (se elle não usava ação ex. ^{ma} camara!).

A visinhança possuida de uma indignação digna da Sociedade protectora dos animaes, a tal que se proteje a si mesma, clamou una voz: — O cachorrinho não faz mal!

— Cebo! mas podia fazer, pensou o homem e pensamos nós.

Alvoratado por este brado unisono o velho sah do ermitorio, torna o cão que se safava ganindo, e (desculpem o latrinario da historia) obriga o transeunte o beijal-o na parte que fica em sentido opposto ao socinho.

Este dizer hyperbolico e de uma graça infinda é do «Vimaranense.»

O pobre homem, com a garganta fillada pela mão do dementado velho, osculou e a visinhança riu.

(Senhor Infante, Senhor Infante peça a polícia!)

O noticiarista que applaudiu a ação infame e porca devia ser obrigado a beijar também.

E para ti velho do' cachorro envidaste um pontapé ás nadegas sem o respeito devido ás tuas cans porque perdeste o direito a elle com a tua vingança estercorosa.

Ladrões em Ponto Grande

O que nos ultimos tempos mais tem dado que fallar à tagarelice indígena é aquillo da guerra.

Pelas esquinas, nos cafés, nas tabacarias, nas boticas, expõe-se opinião.

São curiosos os críticos e muito maus as críticas.

Uns dizem o que fariam se fossem Cervera.

Outros explicam os seus planos se tivessem nascido Sampson.

Gavalgaturas!

Foi há dias no Tornal que eu ouvi o Macario, um caiador, dizer ao companheiro:

— Isto de guerra é uma ladraaria em ponto grande.

Ouvi é lembrei-me de que lá diz a Arte de falar, por signal no capítulo em que trata das Unhas reais.

Um corsario disse a Alexandre Magno que o reprehendera:

Senhor, eu roublo o que me é necessário e vós o que vos é superfluo;

Não sei por isso qual de nós merece mais a reprehensão...

A America desde o principio apregoa que o seu unico fim é libertar Cuba; mas vae ocupando as Philippinas, vae ocupando tudo o que lhe parece.

Morto estou por ver a cara dos valentes mas ingenuos revolucionários quando virem que a America lhes roe a corda.

Diz um dictado alemão:

«Deß Esel sagt es gilt ihm ein Herr wie andere, er müsse bei jedem Esel sein.»

Poloco mais ou menos isto:

O burro diz que tanto lhe importa um dono coitio outro, visto que tem de ser sempre burro.

Percebem?

O António Alberto meu antigo condiscípulo e filho-família explorando uma mina — o pae — dizia-me que a Espanha espiava os seus crimes, que Moujoniq (não responde pela orthographia) reclama vingança e falla-me nas antigas fogueiras da Inquisição, em Torquemada e até nos Philipes, uns ladrões!

Na opinião d'elle é por causa d'isto que os hespanhoes sofreram a derrota de Cavite e a de Santhiago. E a justiça divina a evidenciar-se. Que besta!

ADVERTENCIA

Se n'este papel impresso que não é diario, semanário, quinzenário ou periódico de qualquer especie, que saíte hoje e só Deus e o Dyabo sabem quando tornará a sahir, qualquer coisa existe, que fira profundiamente ou superficialmente ou simplesmente pise a religião, a moral, os bons costumes, as instituições viventes ou os cônjuges, de tudo nos desdizemos, porque não foi nossa intenção ferir, pisar ou maguir qualquer d'essas respeitabilissimas coisas.

tencia ad petendam pluviam, seguindo-se o sermão por um dos revd.^{os} padres da Companhia des Jesus.

Pergunta-se:

Existe em Portugal a Companhia de Jesus?

Alberto Pimentel publicou ha annos, em 1885, um folheto banal, que intitulou:

Una visita ao primeiro romancista português em S. Miguel de Seide.

Depois, em 1890, o Romance do Ronianista — Vida de Camillo Castello Branco.

Bocados bons do Mestre alinhavados pelo senhor Alberto.

Agora vemos anunciado, e cremos já publicadas as primeiras cadernetas de um rivo voltante: *Os autores de Camillo.*

Alberto Pimentel filho, o da *História de um ideal*, defendeu perante a Escola médica de Lisboa a sua *thèse*:

Nosográphia de Camillo Castello Branco.

O grande Camillo não foi para esta familia um mestre. Foi tua mina!

Da Grena e Letras transcrevemos pedindo licença para uma reflexão.

«Se o (estudante) se destina á carreira ecclesiastica, pode fazer exames nos seminarios; mas, sobretudo se tem meios e regular intelligencia, mais lhe vale matricular se nas aulas de classe, porque servem para todas as carreiras.»

Do que deixamos transscrito deduz-se que para cursar os seminarios é suficiente intelligencia menos que regular; não é verdade?

Era só isto.

O Progresso chama pacientes aos assignantes.

E são! Seja em desconto dos pecados d'elles.

Do Commercio de Guimarães

Na proxima segunda feira, 1 de agosto, pelas 5 horas da tarde, tambem sahira da egreja do Campo da feira a Veneranda Imagem do Senhor dos Passos; d'esta cidade, em procissão de peni-